



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LETRAS/LÍNGUA PORTUGUESA

Deyvison Kelvin dos Santos

Edilene Ferreira Gomes dos Santos

A MEDIAÇÃO DE LEITURA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM
DELMIRO GOUVEIA – AL

Delmiro Gouveia – AL

2026

Deyvison Kelvin dos Santos
Edilene Ferreira Gomes dos Santos

**A MEDIAÇÃO DE LEITURA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM
DELMIRO GOUVEIA – AL**

Artigo apresentado ao Curso de Letras
Língua Portuguesa da Universidade
Federal de Alagoas, Campus do Sertão,
como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciado em Letras Língua
Portuguesa.

Orientador: Marcos Alexandre de Moraes
Cunha

Delmiro Gouveia – AL

2026

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a experiência de mediação de leitura desenvolvida por discentes da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, no âmbito da disciplina Curricularização da Extensão, em espaços não formais da cidade de Delmiro Gouveia-AL. Foram realizados quatro encontros dominicais com público intergeracional composto por crianças de 4 a 12 anos, adolescentes de 12 a 18 anos e adultos. A ação iniciou com quatro participantes e encerrou-se com treze. Foram mediados sete contos de gêneros diversos, destacando-se “A formiguinha e a neve” junto ao público infantil e “A parábola do bom pastor” com adolescentes e adultos. Os resultados evidenciam que a escolha de espaços não formais, como residência e igreja nos bairros Campo Grande e Novo, bem como a curadoria do acervo pautada no repertório cultural da comunidade, foram fatores decisivos para a adesão do público. Conclui-se que a extensão universitária cumpre seu papel social quando dialoga com o território, transformando casa e igreja em espaços legítimos de formação leitora.

Palavras-chave: Extensão universitária. Mediação de leitura. Espaços não formais. Sertão alagoano.

1. INTRODUÇÃO

A universidade pública brasileira tem como base o princípio de que o ensino, a pesquisa e a extensão não podem ficar separados. Chamam o princípio de “tripé acadêmico”. O “tripé acadêmico” não serve só como regra de administração, mas representa um compromisso ético e político com a produção de conhecimento. O ensino forma profissionais, a pesquisa cria novos saberes e a extensão leva esses saberes para a comunidade, funcionando como ponte que leva o conhecimento para fora da academia. Assim, a extensão faz a universidade sair de seus muros, permitindo-lhe ir além de sua localização, tanto física quanto simbólica.

Nesse contexto, a extensão universitária assume esta função de ponte que dá sentido orgânico à universidade. Por meio dela, as demandas sociais, as carências e as riquezas culturais da comunidade externa chegam ao ambiente acadêmico e fazem a universidade se renovar. Não é uma via de mão única em que a universidade só leva o saber ao povo; a extensão cria um fluxo de ida e volta.

Essa concepção de extensão universitária é reforçada pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX), que a define como “[...] um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 15).

Nesse sentido, a academia interage com a sociedade e (re)pensa as teorias e metodologias que a informam, buscando pela garantia de que o conhecimento produzido nela seja realmente ligado à comunidade que a cerca, atendendo aos desafios dessa realidade que se lhe apresenta.

Na área de Letras e de educação, a relação que transforma aparece forte em projetos que trazem a cultura escrita para mais gente. Nessa perspectiva, quando a universidade decide mediar a leitura fora da sala de aula, ela está pondo em prática o cumprimento de parte de sua missão, que é promover a cidadania.

Sob essa ótica, concordando com a visão defendida por Freire (2001), a leitura não é somente ler, mas o ato de *ler o mundo*, um ato que dá ao indivíduo a capacidade de entender a sua própria realidade e de agir nela. Sendo assim, a extensão cria um espaço de experimentação. Nesse espaço, o conhecimento acadêmico encontra a cultura popular, onde em conexão geram novos sentidos e fortalecem os vínculos.

Diante de tal tese, este artigo tem por finalidade registrar e analisar as atividades de mediação de leitura que aconteceram em espaços não formais na cidade de Delmiro Gouveia,

no Sertão Alagoano. A escolha dos espaços não formais, como casas particulares, se deu a partir da necessidade de levar a literatura a lugares onde muitas vezes ela não é a protagonista.

De acordo com Gohn (2006, p. 28), “a educação não-formal é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas”. Assim, a mediação de leitura tenta romper com a forma rígida da leitura escolar, estabelecendo espaços destinados à mediação de leituras e diálogos.

As atividades foram realizadas num contexto onde havia pluralidade etária. O público era predominantemente infantil, entre quatro e doze anos, mas também havia adolescentes e até adultos. Essa variedade de faixas etárias exigiu o uso flexível na forma de conduzir a mediação, para conversar com cada nível de leitura e com cada expectativa de leitura. Foram elaborados quatro encontros e apresentados sete contos, além de passagens bíblicas e fábulas. Os contos, as passagens bíblicas e as fábulas foram escolhidas, mais do que por um imaginário comum, como forma de repensar este imaginário de modo crítico.

Os encontros do projeto de extensão aconteceram aos domingos durante o período da tarde em diversas localidades da cidade, sendo três no bairro Campo Grande. O desfecho dos encontros aconteceu no Bairro Novo, juntamente com um departamento de jovens local. A itinerância dos encontros e o uso de espaços domésticos e de espaços comunitários mostraram que o ato de ler pode e deve ocupar todos os lugares da vida social.

A forma escolhida inicialmente para a mediação de leitura foi a *roda de conversa*. A roda de conversa é um jeito de aprender que coloca todo mundo no mesmo nível, ajudando a falar e a ouvir melhor, pois, como já afirmava Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1987, p. 39).

Este trabalho, portanto, tem como objetivo relatar e analisar as experiências de mediação de leitura realizadas junto à comunidade dos bairros Campo Grande e Novo, em Delmiro Gouveia-AL, buscando evidenciar a contribuição dessas práticas para o fortalecimento do vínculo entre universidade, literatura e comunidade.

2. METODOLOGIA

Este artigo caracteriza-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa e cunho descritivo-analítico, fundamentada nas ações de extensão universitária desenvolvidas no município de Delmiro Gouveia, localizado no Sertão Alagoano. A opção pela abordagem

qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender os significados, as percepções e as reações subjetivas dos participantes diante dos estímulos de leitura, fenômenos que não podem ser quantificados, mas sim interpretados à luz do referencial teórico do letramento literário.

Para que as mediações de leitura se concretizassem, optou-se pela ocupação de espaços não formais de aprendizagem, utilizando como sede as residências dos próprios discentes extensionistas. Essa escolha espacial foi estratégica para romper com a rigidez metodológica e a atmosfera de obrigatoriedade frequentemente associadas à leitura escolar, assegurando o acesso à literatura em um ambiente acolhedor, espontâneo e integrado ao cotidiano da comunidade.

O público-alvo abrangeu sujeitos de diversas faixas etárias, configurando um grupo heterogêneo e multigeracional. Embora a maior parcela tenha sido composta por crianças com idades entre quatro e onze anos, registrou-se também a participação ativa de adolescentes (de doze a dezoito anos) e de adultos da comunidade. Essa diversidade geracional exigiu que a execução do trabalho e as estratégias de mediação fossem flexibilizadas de forma contínua, visando atender aos distintos níveis de letramento, repertórios culturais e expectativas de leitura manifestados pelo grupo.

Os resultados e dados empíricos discutidos neste trabalho foram produzidos por meio da observação participante realizada pelos mediadores. Essa abordagem metodológica permitiu uma imersão profunda na dinâmica das rodas de conversa nos bairros Campo Grande e Bairro Novo, onde os extensionistas não atuaram como meros espectadores, mas como agentes ativos no processo de mediação.

Através do registro de fotografias e fala, ambas autorizadas pelos pais e responsáveis, durante os encontros nas tardes de domingo, observou-se a subjetividade e o envolvimento dos participantes para com as narrativas. Desse modo, o diário de campo transformou-se em uma ferramenta viva, capaz de traduzir o diálogo real e de ida e volta estabelecido entre a universidade e os moradores de Delmiro Gouveia.

2.1 Local e período

Mais do que aplicar a teoria, a intenção foi vivenciar, na prática, a transformação do ensino e da pesquisa em um diálogo com a comunidade. Para isso, deslocou-se até um bairro de Delmiro Gouveia/AL, com o objetivo de sair do formato rígido da sala de aula tradicional e demonstrar que a literatura pertence a diversos espaços, rompendo com a exclusividade escolar do letramento (COSSON, 2014). Essa itinerância metodológica buscou descentralizar o acesso

aos bens culturais, levando o texto literário para onde a vida comunitária está localizada transformando a extensão universitária em uma ponte de saberes.

As atividades ocorreram aos domingos, no período da tarde, entre 20 de Agosto e 17 de Setembro de 2023, totalizando quatro encontros. A escolha por esse dia e horário específicos atendeu de forma estratégica à rotina dos moradores locais, assegurando que o tempo livre de crianças, jovens e adultos fossem preenchidos por uma vivência cultural sem os carimbos formais e as cobranças avaliativas que costumam afastar o público não acadêmico das práticas tradicionais de leitura.

Os três primeiros encontros ocorreram na residência de uma das estudantes participantes do projeto, localizada no bairro Campo Grande. A utilização desse ambiente atuou como um elemento facilitador para a quebra de barreiras iniciais, gerando um clima de proximidade que transformou a roda de leitura em um prolongamento do próprio cotidiano dos participantes. O encontro de encerramento foi realizado em um espaço comunitário, uma igreja no Bairro Novo, em parceria com o departamento de jovens da instituição.

Essa transição para uma esfera pública local permitiu não apenas ampliar o alcance da intervenção, mas também integrar a universidade a uma rede de sociabilidade já consolidada na região. Trabalhar em sinergia com o coletivo juvenil do bairro provou que as passagens bíblicas e as narrativas universais selecionadas puderam ser discutidas sob um viés estritamente reflexivo e identitário, validando a premissa de que os espaços de fé também podem se constituir como ricos territórios para o letramento literário, a cidadania e a emancipação social.

2.2 Participantes

Em observância aos preceitos éticos da pesquisa, todos os participantes foram informados previamente sobre a natureza extensionista e investigativa das atividades, estando cientes de que as vivências subsidiariam a produção de um trabalho acadêmico. O consentimento para a participação e para o registro dos encontros deu-se de forma livre e esclarecida por meio de diálogos entre os discentes, participantes de maior idade e os pais responsáveis.

O público participante foi composto por moradores da localidade, abrangendo diferentes gerações. Logo nas intervenções iniciais, o grupo manifestou familiaridade com o

universo das narrativas orais, expressando interesse prévio pela escuta de histórias e fábulas. Esse repertório cultural favoreceu o engajamento ativo dos sujeitos, que subverteram a posição de meros ouvintes receptivos para assumirem o papel de coautores do processo de leitura. Durante as rodas, os participantes interagiam continuamente, correlacionando os enredos lidos com suas próprias vivências cotidianas e tensionando as temáticas apresentadas.

Como evidência desse papel ativo, destaca-se um episódio ocorrido no segundo encontro durante a leitura de uma fábula local, no qual uma das crianças participantes (8 anos) interrompeu a narrativa para pontuar: *“a história dessa formiga me lebra de uma vez que eu fiquei presa no portão de casa, aí minha irmã veio me ajudar”*. Esse tipo de manifestação demonstra que a leitura disparou processos de reflexão crítica e associação com a memória coletiva.

Esse dinamismo e a recepção positiva dos integrantes refletiram-se no crescimento quantitativo do grupo: a ação, que contou com apenas 4 participantes no primeiro encontro, expandiu-se progressivamente, encerrando o quarto encontro com 13 integrantes.

A proposta metodológica buscou sensibilizar o público e despertar o interesse pela palavra literária. Para tanto, adotou-se a roda de conversa como dispositivo pedagógico central, configurando um espaço horizontal de escuta e livre expressão. A dinâmica estruturou-se a partir da leitura compartilhada seguida da abertura para o debate livre sobre os personagens, os cenários e os dilemas éticos das histórias. Dessa forma, o diálogo fluiu organicamente, mediando a articulação entre o conhecimento acadêmico e os saberes da cultura popular.

2.3 Acervo e mediação

O acervo de narrativas selecionado contou com os seguintes textos: “A formiga e a pomba”; o capítulo 3 do livro bíblico *Gênesis*, “A queda do homem no jardim do Éden”; “A formiguinha e a neve”; “Ali Babá e os quarenta ladrões”; “Uma mulher extraordinária” e o capítulo 10 do livro bíblico de *João*: “Eu sou o bom pastor”. Esse acervo não foi escolhido ao acaso, ele funcionou como uma costura sensível entre o sagrado, o popular e o imaginário universal. Essa articulação encontra eco na teoria de Antônio Candido (2011), que defende a literatura como uma necessidade universal e um direito fundamental do ser humano, dotada de uma força humanizadora capaz de organizar o interno e confirmar a nossa própria humanidade.

A seleção de fábulas, como “A formiga e a pomba” e “A formiguinha e a neve”, justificou-se pela necessidade de engajar um público heterogêneo, composto majoritariamente por crianças, por meio de uma linguagem acessível, visual e altamente dinâmica. Por se tratar de um

gênero curto e estruturado em torno do antropomorfismo — em que animais assumem comportamentos e dilemas puramente humanos —, a fábula oferece um distanciamento seguro para que o leitor projete e julgue ações cotidianas sem se sentir diretamente interpelado. Metodologicamente, a brevidade dessas narrativas evitou a dispersão no espaço não formal, funcionando como uma excelente porta de entrada para o letramento literário e permitindo que a tradicional "moral da história" atuasse como um disparador lúdico para debates sobre solidariedade, reciprocidade e ética comunitária.

A opção pelos contos, exemplificada por “Ali Babá e os quarenta ladrões” e “Uma mulher extraordinária”, fundamentou-se na capacidade intrínseca deste gênero de produzir um impacto estético profundo a partir de um único conflito central. Diferente de narrativas extensas, o conto opera por meio da concisão e da intensidade, propriedades que se alinham perfeitamente ao tempo delimitado das oficinas de leitura em ambientes domiciliares. A introdução dessas obras no acervo cumpriu o papel essencial de expandir o repertório cultural e o imaginário universal dos participantes, transportando-os para além de suas fronteiras geográficas por meio do maravilhoso e do maravilhamento ficcional, ao mesmo tempo em que tencionou temas complexos e atraentes para adolescentes e adultos.

Já a inclusão de passagens bíblicas, como os relatos de Gênesis e o evangelho de João, sustentou-se em uma estratégia metodológica amparada pela Estética da Recepção, uma vez que todos os participantes são da vertente Cristã e possuem conhecimentos sobre esses textos, o que facilitava o diálogo na roda de conversa, enfatizando porém, que a escolha desses textos distanciasse de qualquer viés confessional ou doutrinário.

No contexto do Sertão Alagoano, onde a tradição religiosa e a oralidade são marcadores identitários profundos, o texto sagrado constitui o "horizonte de expectativas" (JAUSS; ISER, 1996) e o código cultural imediato da comunidade. Escolher essas narrativas funcionou como uma zona de ancoragem e acolhimento cultural: ao deparar-se com metáforas familiares — como o Jardim do Éden ou a figura do Bom Pastor. Desse modo, a mediação utilizou o repertório prévio dos sujeitos como um trampolim interpretativo, permitindo que textos já conhecidos no âmbito da fé fossem ressignificados sob uma ótica estritamente literária, crítica e reflexiva.

Nesse contexto, o papel da mediação é muito importante, porque vai muito além de explicar o que está escrito. O mediador age como um ponteiro, alguém que ajuda o grupo a enxergar que, por trás de formigas, pastores ou personagens do deserto, estão as nossas próprias dores, medos, coragens e a eterna busca por acolhimento. O método partia da leitura e depois da interpretação livre sobre os personagens, os lugares e os problemas da história, criando espaço para a concretização de diálogos enriquecedores e momentos agradáveis nos quais a

aprendizagem se dava de modo agradável e dinâmico.

3. OS ENCONTROS/RODAS DE LEITURA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

No **primeiro encontro**, com a fábula “A formiga e a pomba”, o projeto começa de forma leve, mas profunda.

Uma formiga, sedenta, desceu a uma fonte e, arrastada pela correnteza, estava para afogar-se. Uma pomba, ao ver isso, arrancou um galho de uma árvore e o jogou na fonte. Subindo nele, a formiga salvou-se. Um caçador de pássaros, depois disso, avançou com uma armadilha de galinhos para prender a pomba. A formiga, vendo isso, mordeu o pé do caçador, que, com a dor, atirou fora os galinhos, e imediatamente a pomba fugiu.

A fábula mostra que se deve retribuir os benfeitores com gratidão. (ESOPO, 2005, p. 255).

A escolha desse texto para abrir os trabalhos é perfeita porque usa a simplicidade dos bichos para falar de algo muito humano: a empatia e a gratidão. E o uso da literatura, como meio para chegar a isso, já é um indicativo de seu poder e importância, mesmo em espaços não formais de educação literária. Segundo Cosson (2014, p. 17):

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade.

Na mediação, vale a pena fugir daquela velha “moral da história” engessada e puxar uma conversa real. É o momento de perguntar ao grupo: “Quem já foi a pomba e quem já foi a formiga na vida de alguém?”. Com isso, o foco aqui é criar vínculo e mostrar que ninguém é pequeno demais que não possa ajudar, nem grande demais que não precise de socorro.

No **segundo encontro**, colocamos lado a lado o capítulo de *Gênesis* “A queda do homem no jardim do Éden” (*Gênesis* 3:1-24), texto que narra como Adão e Eva caíram na tentação de comer do fruto que lhes fora proibido por Deus e este, por causa disso, expulsa-os do paraíso e condena-os a uma vida de sofrimento, e a fábula “A formiguinha e a neve” (MILKPOINT, 2025), que conta como uma formiguinha, cujo pé ficou preso sob um floco de neve, busca ajuda de diversos animais, até mesmo da Morte, mas só consegue, ao final, ajuda divina.

À primeira vista, parecem mundos distantes, mas a mediação ganha força justamente ao mostrar onde eles se cruzam: a fragilidade e o peso das circunstâncias. Enquanto o texto bíblico fala sobre escolhas, tentações e a perda daquela segurança absoluta, a história da formiguinha mostra o desespero de se ver preso por uma força maior (a neve) e ter que pedir ajuda a um mundo que parece não se importar. Diante disso, foi possível usar esse contraste para conversar

sobre as nossas próprias quedas e sobre como nos sentimos impotentes diante dos invernos da vida.

Já no **terceiro encontro**, o tom muda para o mundo da ação e da sobrevivência com “Ali Babá e os quarenta ladrões” e “Uma mulher extraordinária”, ambas narrativas presentes na coletânea *Novo Tesouro da Juventude* (1978). As ilustrações que acompanham os textos utilizados nas rodas de leitura foram uma úteis para despertar o interesse dos participantes durante a mediação, sobretudo as crianças, que costumam ser mais atraídas por narrativas ilustradas. Os desenhos também funcionam, na leitura, como um elemento que conta determinada cena do enredo, servindo para construir expectativas acerca da história que está sendo contada.

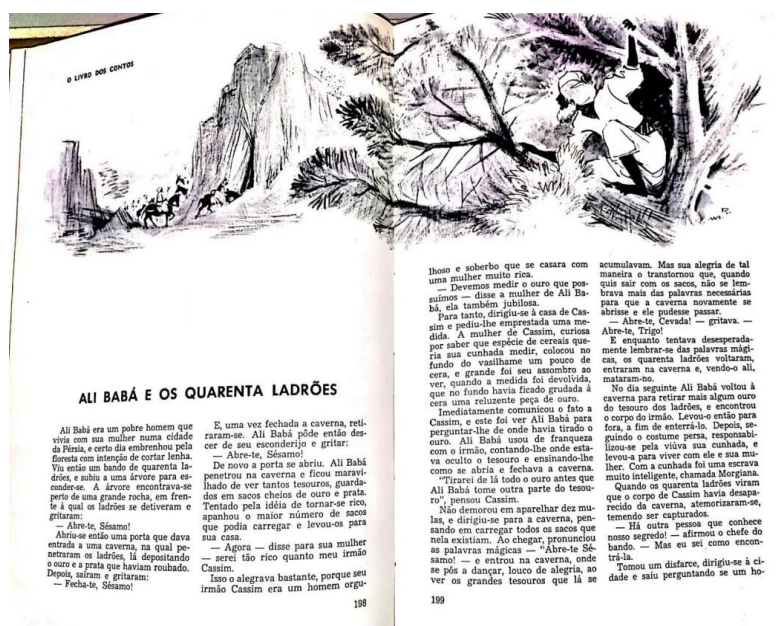


Imagem 1 – “Ali Babá e os quarenta ladrões”



UMA MULHER EXTRAORDINÁRIA

D. Juana Azurduy de Padilla havia prestado, no Alto Peru, grandes e assinalados serviços em prol da causa da libertação do país. De grandes qualidades e de uma coragem invulgar para uma mulher, acompanhou seu marido — o coronel Padilla — nos combates, encorajando e confortando incansavelmente os soldados por ele comandados.

Tais qualidades causavam admiração e assombro aos chefes realistas que tinham resolvido respeitar a vida dessa mulher tão heróica.

Havia um entre eles, o coronel Herrera, que dizia: "Serei o primeiro a respeitar essa mulher, mas juro que castigarei sua audácia e temeridade, fazendo-a prisioneira."

Herrera ficou de tal forma obcecado por essa ideia que ao saber que Padilla havia marchado para o Chaco à frente de uma expedição deixando sua esposa encarregada da defesa de

seu quartel-general, estabelecido em uma das fazendas de Pilar, dirigiu-se para lá, comandando uma tropa de infantaria, cujo número considerou suficiente para aprisionar a heroína.

D. Juana, avisada por suas sentinelas avançadas, da aproximação do coronel realista, esperou-o à frente de vinte atiradores e duzentos índios armados de fundas e maças.

Vendo-os chegar, longe de esperar pelo ataque, lançou-se com arrojo contra eles, com tanto ímpeto e tal eficiência que, pouco tempo após o início da batalha, desbaratou-os, obrigo-os à retirada.

Mas D. Juana não era mulher de meias atitudes. Resoluta, perseguiu Herrera, que empuñava a bandeira que se havia proposto izar no ponto mais alto do casario de Villar e, com um tiro certo o estirou morto a seus pés, apoderando-se então da bandeira e de suas armas.

81

Imagem 2 – “Uma mulher extraordinária”

O contato com essas histórias permitiu falar sobre esperteza, coragem e o poder de dar a volta por cima. Em “Ali Babá”, foi discutido que muitas das vezes esquecemos que quem resolve o problema de verdade é uma mulher, a astuta Morgana, e cruzar essa história com a de “Uma mulher extraordinária” abre um espaço riquíssimo na mediação para valorizar a força feminina, a resiliência e a inteligência prática que nos salva nos momentos de perigo. O que levou a indagar: “O que nos salva quando estamos cercados por ‘ladrões’ ou situações injustas no nosso dia a dia?”.

Por fim, o **último encontro** traz um pouso suave com o texto de João (“Eu sou o bom pastor”, mais conhecido também como “A parábola do bom pastor”). Nessa parábola, Jesus se compara a um pastor de ovelhas, o qual as protege do lobo que se aproxima, diferentemente do mercenário, que não se importa com elas (João 10:1-18). Assim, após uma caminhada longa — onde o grupo passou pelo frio da neve, pela perda do Éden e pelo perigo dos quarenta ladrões —, a figura do bom pastor chega como um abraço.

A mediação desse encerramento teve um tom de acolhimento e descanso. O objetivo era fazer com que os leitores olhassem para trás, revisitassem os medos discutidos nos encontros anteriores e encontrassem neste último texto uma sensação de teto, de proteção e a certeza de que, no fim das contas, não estamos sozinhos, e que a literatura pode nos ajudar a carregar a vida com mais leveza.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De fato, a forma como este projeto em Delmiro Gouveia foi desenvolvido mostra que o Campus do Sertão prioriza e valoriza o ensino, a pesquisa e a extensão, além de que ganha sentido real quando deixa de ser uma engrenagem burocrática e passa a se transformar numa instituição que assume o compromisso ético e sensível com a vida das pessoas. Quando houve a troca da rigidez das salas de aula pela ida aos bairros Campo Grande e Bairro Novo, a UFAL deu novamente mais passo importante para além de seus limites físicos.

Tardes de domingo, momentos majoritariamente dedicados ao descanso da população, ganharam transformações e significados com as rodas de leitura em espaços de educação literária não formais, como aborda (GOHN, 2006), e construindo hábitos de leitura em múltiplos espaços sociais, conforme preconiza (CHARTIER, 1999).

Envolver o público participante da extensão em uma residência particular e, posteriormente, no espaço de uma igreja local em parceria com os jovens das duas regiões, corroboram na prática que a literatura e os saberes acadêmicos não pertencem/ou não devem pertencer *apenas* a lugares fechados; eles ganham vida quando se misturam ao cotidiano das pessoas e à cultura do sertão.

Paulo Freire relata, no seu livro *A importância do ato de ler*, suas experiências de infância com o mundo da leitura.

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe –, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras (FREIRE, 2001, p. 12).

Observamos que o primeiro contato do intelectual brasileiro com a leitura ocorre antes mesmo da escola, com a observação do ambiente, da natureza, da família e da comunidade, em espaços de aprendizagem não formais.

Assim, por opção metodológica, colocar as rodas de conversa foi, acima de tudo, um ato de coletividade e escuta ativa, no qual “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2011). Esse formato circular transforma a pretérita ideia de que existe uma única pessoa que detém o saber e outras que nada sabem, quando na realidade os discentes extensionistas e moradores sentaram-se no mesmo nível, compartilhando o mesmo direito à fala, o mesmo direito de ler o mundo à sua própria maneira.

Esses encontros funcionavam de maneira leve e espontânea: histórias eram lidas juntos e, posteriormente, chegava o momento em que se abria os espaços para comentar sobre as

atitudes dos personagens, os cenários ou os conflitos narrativos.



Figura 1 – (primeiro encontro)

Delmiro Gouveia 20/08/2023 – Fonte: autoria própria, 2023.

Como evidenciado na Figura 1, o primeiro encontro contou com a participação de 4 participantes. Nesse momento inicial, observou-se uma postura mais tímida do grupo, típica da fase de adaptação ao espaço não formal de leitura. Esse momento permitiu uma mediação mais individualizada, criando vínculo e segurança para os encontros seguintes.



Figura 2 – (último encontro)

Delmiro Gouveia 20/08/2023 – Fonte: autoria própria, 2023.

Em contraponto, a Figura 2 ilustra o quarto e último encontro, que reuniu 13 participantes. O aumento na participação demonstra a consolidação da atividade e o interesse gerado pela proposta de leitura em espaço não formal. Nota-se ainda a formação de uma roda mais ampla, o que favoreceu a troca e o protagonismo dos discentes na mediação.

É nesse contexto e dinâmica que se pode observar como cada ser humano transforma a interpretação dos textos em uma construção viva. Nessa perspectiva, segundo Chartier (1999, p. 19), “[...] cada leitor, cada espectador, cada ouvinte produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe”. Isto é, cada pessoa que lê/escuta uma história interpreta-a a partir de seu próprio universo de referências, sentimentos e saberes.

De fato, cada um faz a leitura a partir não apenas da própria visão de mundo, mas também em diálogo com outras vozes. “O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo” (COSSON, 2014, p. 27).

Com isso, a ida aos encontros por parte do público escolhido foi de suma importância ao longo das semanas, pois demonstrou como a comunidade acolheu a proposta e concordou em participar de um episódio incomum no dia a dia. “A leitura em voz alta alimentava uma relação entre o leitor e a comunidade dos próximos” (CHARTIER, 1999, p. 143).

Um dos pontos mais bonitos da ação foi a convivência entre diferentes gerações na mesma roda, proporcionando diversidade e interesse que crescia a cada passo: o que começou com apenas quatro pessoas terminou com treze participantes. Nesse sentido, “alguma coisa pode nascer de uma relação, de um vínculo entre indivíduos a partir da leitura [...]”, conforme afirma Chartier (1999, p. 144). Os participantes assumiram um papel ativo, realizando perguntas em relação às leituras, tecendo comentários sobre as próprias memórias, o que permitiu uma leitura crítica e profundamente conectada com a realidade social e humana do semiárido em espaços não formais de aprendizagem.

Os resultados evidenciam que a escolha de espaços não formais, como residência e igreja nos bairros Campo Grande e Novo, bem como a curadoria do acervo pautada no repertório cultural da comunidade, foram fatores decisivos para a adesão do público. Conclui-se que a extensão universitária cumpre seu papel social quando dialoga com o território, transformando casa e igreja em espaços legítimos de formação leitora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste trabalho apontam para a satisfação em percorrer a trajetória proposta. Participar da mediação de leitura em espaços não formais possibilitou atingir plenamente os objetivos iniciais, ao realizar rodas de leitura compartilhada afastadas dos métodos engessados e das cobranças da sala de aula tradicional.

Conclui-se nesse sentido, que a atividade realizada foi capaz de despertar o interesse

pela palavra e assim fortalecer a consciência crítica em comunidades que ainda não fazem parte dos grandes circuitos culturais. Ao deslocar o livro do ambiente escolarizado, a pesquisa validou as teses de Goulemot (2001) sobre a autonomia do leitor, demonstrando que as práticas de leitura fora dos muros institucionais libertam o texto literário de sua função utilitarista, devolvendo-lhe o estatuto de fruição estética e de experiência vital.

Essa atividade da extensão provou que o trabalho da literatura põe em evidência seu potencial poder humanizador quando se torna um instrumento de acolhimento e inclusão. A continuidade dos encontros nas rodas de leitura demonstrou que há um desejo latente pela cultura literária no interior alagoano, consolidando ligações entre a universidade pública e os moradores de Delmiro Gouveia. Essa força humanizadora, conforme preconiza Candido (2011), atua diretamente na emancipação do sujeito, pois a literatura fornece espaços necessários para que o indivíduo se reconheça no outro, reelabore suas dores e compreenda sua posição histórica e social no mundo.

Além disso, a atividade deixa claro que qualquer projeto/atividade cultural em comunidades tradicionais precisa respeitar os princípios da Estética da Recepção. A aproximação entre o universo ficcional e o horizonte de expectativas (JAUSS, 1994) dos participantes — fortemente marcado pela oralidade e pela religiosidade cristã — revelou que o repertório prévio não deve ser ignorado ou substituído, mas sim tomado como o ponto de partida interpretativo.

Sob essa ótica, a roda de conversa permitiu que a comunidade preenchesse os textos literários (ISER, 1996) com suas vivências, promovendo um cruzamento de diálogos onde o saber popular e o saber acadêmico coexistiram sem hierarquias. O acolhimento gerado pelo uso de metáforas transformou a leitura em um território seguro para o exercício da alteridade.

Com essa experiência acadêmica, a atividade ofereceu ensinamentos práticos que somente são vividos na prática da extensão, pois estar à frente de uma roda de conversa/leitura composta por pessoas de idades diferentes instiga os extensionistas a exercitarem a criatividade, a flexibilidade pedagógica e a escuta. A heterogeneidade do público exigiu a superação do modelo tradicional de transmissão de conhecimento, impondo a adoção de uma postura dialógica.

De acordo com as formulações de Freire (2011), a verdadeira educação e, por extensão, o letramento literário, não ocorrem de forma verticalizada, mas sim no encontro de sujeitos mediados pelo mundo. Os graduandos viram-se desafiados a atuar como os "ponteiros" conceituados por Bajour (2012), silenciando a voz monológica da academia para escutar atenta e respeitosamente as entrelinhas trazidas pelos participantes.

Nesse sentido, o método que privilegia a interpretação livre sobre os personagens, os lugares e os problemas da história consagrou a eficácia das discussões literárias coletivas na formação de comunidades leitoras. Como defende Chambers (2007), falar sobre livros em um ambiente comunitário e horizontal estimula um tipo de aprendizagem que a leitura solitária raramente alcança, pois é em meio às opiniões e no compartilhamento de impressões que o sentido do texto se expande e se consolida.

Colomer (2007) reforça que essa socialização da leitura constrói a competência literária de forma afetiva e dinâmica, transformando o ato de ler em um evento coletivo, sob a reflexão ética e fortalecimento dos laços comunitários.

Como resultado, os graduandos compreenderam que o conhecimento científico ganha seu verdadeiro valor quando retorna para a sociedade de forma emancipatória, transformando a extensão universitária em espaço mobilizador da formação profissional em Letras. Essa vivência em Delmiro Gouveia demonstrou que o fazer acadêmico se legitima no compromisso com a transformação social.

Conforme aponta Petit (2019), a introdução da arte e da leitura em contextos que historicamente sofreram exclusão cultural desempenha um papel de reparação psíquica e social, abrindo canais de expressão para outros grupos. O curso de Letras, dessa forma, cumpre sua função social mais nobre ao formar profissionais que entendem a linguagem não apenas como objeto de estudo gramatical, mas como território de identidade e emancipação.

Por fim, este trabalho não se encerra em suas páginas, mas abre caminhos e perspectivas para futuras investigações e intervenções no campo da mediação de leitura na região do Sertão Alagoano. A universidade pública, por meio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, reafirma aqui seu papel indispensável na interiorização da cultura e na democratização do saber, deixando sua contribuição ativa e metodológica junto ao cotidiano dos moradores que, certamente, continuará a florescer em novas leituras e novas realidades.

REFERÊNCIAS

- BAJOUR, Cecília. **Ouvir as entrelinhas: o jogo da escuta na mediação de leitura**. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada King James 1611**. 6. ed. Niterói, RJ: BV Books, 2021.
- CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; Salvador: ALBA, 2011. p. 171-193.
- CHAMBERS, Aidan. **Diga-me: as crianças, a leitura e a conversa**. Tradução de Daniela Padilha. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- ESOPO. **Fábulas completas**. Tradução de Neide Smolka. São Paulo: Moderna, 2005.
- FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras**, 2012. Disponível em: <<https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2026.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.
- GOULEMOT, Jean-Marie. **Da leitura como produção de sentidos**. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 107-116.
- ISER, Wolfgang. **O Acto da Leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kretschmer. Lisboa: Estampa, 1996. v. 1.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- MILKPOINT. **Era uma vez uma formiguinha que ficou com o pé preso num floco de neve**. Disponível em: <https://www.milkpoint.com.br/artigos/espaco-aberto/era-uma-vez-uma-formiguinha-que-ficou-com-o-pe-presno-num-floco-de-neve-32344/?utm_source=chatgpt.com>. Acesso em: 27 ago. 2023.

NOVO TESOURO DA JUVENTUDE. v. 7. São Paulo: Opus, 1978.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo: experiências de leitura em contextos de crise.** Tradução de Arthur Bueno. São Paulo: Editora 34, 2019.

CATALOGAÇÃO NA FONTE

E-mail: biblioteca.delmiro@sibi.ufal.br

DADOS DO SOLICITANTE

NOME: Edilene Ferreira Gomes dos Santos

TELEFONE: (82) 98116-1133

E-MAIL: eg4346058@gmail.com

CURSO: Letras – Língua Portuguesa

DOUTORADO: ☐ **MESTRADO:** ☐ **ESPECIALIZAÇÃO:** ☐ **GRADUAÇÃO:** ☒

DADOS PARA A FICHA CATALOGRÁFICA

AUTOR: Edilene Ferreira Gomes dos Santos

ORIENTADOR: Marcos Alexandre de Moraes Cunha

COORIENTADOR:

TÍTULO E SUBTÍTULO: A mediação de leitura em espaços não formais: um relato de experiência da extensão universitária em Delmiro Gouveia - AL

Nº DE FOLHAS

19

CONTÉM ILUSTRAÇÕES (DESENHOS, ESQUEMAS, FLUXOGRAMAS, ORGANOGRAMAS, FOTOGRAFIAS, MAPAS, GRÁFICOS, PLANTAS, QUADROS, FIGURAS, IMAGENS, ENTRE OUTROS):

Sim

LOCAL (CIDADE) DA DEFESA:

Delmiro Gouveia

ANO DE DEFESA:

2026

PALAVRAS-CHAVE: Extensão universitária. Mediação de leitura. Espaços não formais. Sertão alagoano.

DATA DE SOLICITAÇÃO: 05/07/2026

FOLHA DE APROVAÇÃO

DEYVISON KELVIN DOS SANTOS
EDILENE FERREIRA GOMES DOS SANTOS

A MEDIAÇÃO DE LEITURA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM DELMIRO GOUVEIA – AL

Artigo apresentado à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus* do Sertão, como requisito final para obtenção de título de graduada em Letras.

Aprovado em 19 de Junho de 2026.

Documento assinado digitalmente
 **MARCOS ALEXANDRE DE MORAIS CUNHA**
Data: 30/06/2026 08:44:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha (Orientador)
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **MARCIO FERREIRA DA SILVA**
Data: 01/07/2026 08:01:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcio Ferreira da Silva
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Documento assinado digitalmente
 **MARIA HELENA MENEZES DE SOUZA**
Data: 30/06/2026 14:47:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Maria Helena Menezes de Souza
Universidade Federal de Alagoas – UFAL